

Perfil epidemiológico do corrimento uretral em jovens do sexo masculino de 18 a 30 anos atendidos no ambulatório de IST

Epidemiological profile of urethral discharge in young men aged 18 to 30 treated at the STI outpatient clinic

Perfil epidemiológico de la secreción uretral en hombres jóvenes de 18 a 30 años atendidos en la consulta externa de ITS

Recebido: 28/05/2025 | Revisado: 06/06/2025 | Aceitado: 07/06/2025 | Publicado: 10/06/2025

Lorhandra Silva de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2808-8948>

Universidade Nilton Lins, Brasil

E-mail: lorhandra@gmail.com

Nicolý Ketlem Damascena Reis

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9300-697X>

Universidade Nilton Lins, Brasil

E-mail: nicolyketlem2@gmail.com

Huxlan Beckmam de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9091-0408>

Universidade Nilton Lins, Brasil

E-mail: huxlanbeckman@gmail.com

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico do corrimento uretral em jovens do sexo masculino, com idade entre 18 e 30 anos, atendidos em ambulatórios especializados em infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, realizada a partir da análise de artigos publicados entre 2015 e 2025, selecionados em bases de dados como SciELO, PubMed, LILACS e Google Acadêmico. Os resultados indicam elevada prevalência de agentes como *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, especialmente entre homens que fazem sexo com homens, associada a práticas sexuais de risco, como múltiplos parceiros, sexo anal receptivo e uso inconsistente de preservativos. A ausência de dados comportamentais em alguns estudos limitou a compreensão mais aprofundada do contexto desses jovens. Conclui-se que há necessidade de estratégias de prevenção mais eficazes, com foco em educação sexual, testagem ampliada e acolhimento qualificado nos serviços de saúde, a fim de reduzir a transmissão das ISTs e promover o cuidado integral ao público jovem masculino.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Homens; Perfil de saúde; Comportamento sexual.

Abstract

This study aimed to analyze the epidemiological profile of urethral discharge in young men aged between 18 and 30 years, treated at outpatient clinics specializing in sexually transmitted infections (STIs). This is a qualitative literature review, carried out based on the analysis of articles published between 2015 and 2025, selected from databases such as SciELO, PubMed, LILACS and Google Scholar. The results indicate a high prevalence of agents such as *Chlamydia trachomatis* and *Neisseria gonorrhoeae*, especially among men who have sex with men, associated with risky sexual practices, such as multiple partners, receptive anal sex and inconsistent condom use. The lack of behavioral data in some studies limited a deeper understanding of the context of these young people. It is concluded that there is a need for more effective prevention strategies, focusing on sexual education, expanded testing and qualified support in health services, in order to reduce the transmission of STIs and promote comprehensive care for young men.

Keywords: Sexually Transmitted Infections; Men; Health profile; Sexual behavior.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar el perfil epidemiológico de la secreción uretral en hombres jóvenes de entre 18 y 30 años, atendidos en clínicas ambulatorias especializadas en infecciones de transmisión sexual (ITS). Se trata de una revisión bibliográfica cualitativa, basada en el análisis de artículos publicados entre 2015 y 2025, seleccionados de bases de datos como SciELO, PubMed, LILACS y Google Académico. Los resultados indican una alta prevalencia de agentes como *Chlamydia trachomatis* y *Neisseria gonorrhoeae*, especialmente entre hombres que tienen sexo con hombres, asociada a prácticas sexuales de riesgo, como múltiples parejas, sexo anal receptivo y uso inconsistente del

preservativo. La falta de datos sobre el comportamiento en algunos estudios limitó una comprensión más profunda del contexto de estos jóvenes. Se concluye que se necesitan estrategias de prevención más efectivas, centradas en la educación sexual, la ampliación de las pruebas y el apoyo cualificado en los servicios de salud, para reducir la transmisión de ITS y promover la atención integral de los hombres jóvenes.

Palabras clave: Infecciones de transmisión sexual; Hombres; Perfil de salud; Comportamiento sexual.

1. Introdução

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) permanecem como um grave problema de saúde pública, afetando de forma desproporcional a população jovem do sexo masculino. Dentre as manifestações clínicas mais frequentes dessas infecções está o corrimento uretral, frequentemente associado à gonorreia e à infecção por *Chlamydia trachomatis*. Jovens entre 18 e 30 anos constituem um dos grupos com maior vulnerabilidade, tanto pelo início precoce da vida sexual quanto pela adoção de práticas sexuais de risco, muitas vezes desprovidas de proteção adequada (Hocking et al., 2023).

O corrimento uretral, além de ser um marcador de infecção aguda, representa um indicador de falhas na prevenção, no acesso ao diagnóstico precoce e no acompanhamento contínuo dos serviços de saúde. A análise do perfil epidemiológico dessa condição permite a identificação dos fatores sociais, culturais e comportamentais envolvidos, possibilitando o direcionamento de ações mais eficazes de intervenção e prevenção (Andrade et al., 2024).

A vulnerabilidade de jovens homens é acentuada por fatores como baixa percepção de risco, estigmas relacionados às ISTs, e acesso limitado a serviços de saúde, especialmente os que promovem acolhimento humanizado e sigiloso (Medeiros et al., 2024). Além disso, a pandemia da COVID-19 agravou esse cenário ao impactar negativamente a saúde mental e a qualidade de vida de populações em risco, dificultando ainda mais a busca por cuidados de saúde (Hocking et al., 2023).

Estudos recentes ressaltam a importância de compreender o perfil epidemiológico do corrimento uretral para a elaboração de políticas públicas que contemplem os jovens do sexo masculino, de forma a promover ações mais assertivas, educação sexual e testagem ampliada (Pimentel et al., 2022). Nesse sentido, torna-se fundamental investigar o contexto específico dos jovens atendidos nos ambulatórios de IST, uma vez que esses espaços são centrais para o controle e prevenção das infecções.

A elevada incidência de ISTs em jovens do sexo masculino, especialmente na faixa etária de 18 a 30 anos, demonstra a necessidade urgente de aprofundar o conhecimento sobre o perfil epidemiológico dessas infecções, com destaque para o corrimento uretral. Essa condição não apenas afeta a saúde sexual e reprodutiva, mas também pode causar complicações como infertilidade, além de aumentar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV (Lannoy et al., 2021).

A compreensão detalhada dos fatores que contribuem para a ocorrência de corrimento uretral em jovens pode subsidiar a formulação de protocolos de atendimento mais eficazes, incluindo o uso racional de antimicrobianos, frente ao aumento da resistência bacteriana (Pimentel et al., 2022). Além disso, permitirá o desenvolvimento de estratégias de prevenção mais eficazes, especialmente voltadas para o público masculino jovem, que muitas vezes é negligenciado nas campanhas de saúde sexual (Lannoy et al., 2021).

Dessa forma, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de fortalecer as ações de vigilância em saúde, direcionando esforços para a população jovem masculina, que permanece em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, invisibilidade no que se refere às políticas públicas de IST. Ao traçar esse perfil epidemiológico, pretende-se contribuir com dados relevantes para intervenções mais eficazes e centradas na realidade dos usuários.

Este estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico do corrimento uretral em jovens do sexo masculino de 18 a 30 anos atendidos em ambulatório especializado em IST.

2. Referencial Teórico

2.1 Infecções Sexualmente Transmissíveis e o Corrimento Uretral

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) abrangem um conjunto de patologias infecciosas, majoritariamente disseminadas por contato sexual sem proteção. Entre os sintomas mais relatados entre homens jovens, destaca-se o corrimento uretral, que representa um dos principais sinais clínicos dessas infecções. A uretrite, caracterizada pela inflamação da uretra, geralmente acompanha esse sintoma, levando à busca por atendimento médico. Segundo Miranda et al. (2021), a juventude é um grupo particularmente vulnerável, tanto pela atividade sexual intensa quanto pela limitação no acesso à informação e aos serviços de saúde.

As principais causas do corrimento uretral são as infecções por *Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis*, dois patógenos bacterianos de alta prevalência em diversas regiões do Brasil. De acordo com Gaspar et al. (2024), a infecção por *C. trachomatis* é frequentemente subdiagnosticada, o que aumenta o risco de complicações e de propagação da doença. A presença dessas ISTs não apenas causa desconforto e inflamação local, mas também aumenta a susceptibilidade à infecção pelo HIV, devido ao comprometimento da mucosa genital e à ativação imune.

Braga (2025) reforça essa preocupação ao demonstrar a coexistência frequente de ISTs em pacientes com HIV/AIDS, particularmente em áreas de fronteira, como na tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina. Esses dados sugerem que a coinfeção e a falta de diagnóstico precoce do corrimento uretral agravam o cenário epidemiológico das ISTs, tornando necessário o rastreamento e a prevenção em populações de risco. Além disso, a sintomatologia pode variar, dificultando o reconhecimento imediato pelos indivíduos infectados.

Outro fator agravante é a resistência antimicrobiana, que compromete a eficácia dos tratamentos convencionais para uretrite gonocócica, exigindo abordagens terapêuticas atualizadas. Macedo et al. (2025) apontam que o manejo inadequado dessas infecções na adolescência pode causar impactos reprodutivos futuros, como infertilidade, e reforçam a importância do diagnóstico e tratamento precoces. O tratamento adequado do corrimento uretral exige um protocolo clínico baseado em evidências, aliado à promoção de educação sexual e testagem rápida.

Dessa forma, compreender a dinâmica das ISTs e do corrimento uretral é essencial para a formulação de políticas públicas eficazes, principalmente em regiões com acesso limitado aos serviços de saúde. A integração de estratégias de prevenção, como a disponibilização de preservativos e a implementação de programas de rastreio em massa, pode contribuir significativamente para a redução da incidência dessas infecções. Como conclui Braga (2025), a realidade de jovens expostos a múltiplos riscos sociais e biológicos exige uma abordagem de saúde coletiva centrada na promoção de direitos e acesso à informação.

2.2 Fatores Socioculturais e Comportamentais na Vulnerabilidade dos Jovens

A vulnerabilidade dos jovens às ISTs está profundamente ligada a fatores socioculturais e comportamentais. A baixa escolaridade, a ausência de uma educação sexual efetiva e os estigmas relacionados ao gênero e à sexualidade são elementos que limitam a capacidade dos jovens de adotar práticas sexuais seguras. Segundo Gaspar et al. (2024), a falta de acesso à informação adequada contribui para a perpetuação de mitos e tabus sobre sexualidade, dificultando a prevenção e a busca por atendimento médico diante de sintomas como o corrimento uretral.

Adicionalmente, práticas culturais enraizadas e a construção social da masculinidade também influenciam o comportamento de risco entre jovens do sexo masculino, os quais tendem a adiar a busca por cuidados médicos e a subestimar sintomas de ISTs. Ribeiro (2025) destaca que a construção social da identidade de gênero, aliada a fatores como o consumo de álcool e outras drogas, potencializa a exposição a situações de risco, além de reduzir a adesão ao tratamento

adequado quando diagnosticados. Esses comportamentos refletem não apenas atitudes individuais, mas uma realidade coletiva marcada por desigualdades sociais e ausência de políticas públicas eficazes.

Outro fator relevante é a influência dos meios digitais e das redes sociais no comportamento sexual dos jovens. A facilidade de interação virtual tem favorecido o aumento de encontros casuais, muitas vezes sem uso de preservativos, elevando os riscos de infecção. Como observam Fagundes et al. (2024), os comportamentos informacionais contemporâneos estão diretamente associados à forma como os jovens acessam e internalizam conhecimentos sobre saúde sexual. A carência de fontes confiáveis e a predominância de conteúdos sensacionalistas ou errôneos nas redes sociais agravam ainda mais a vulnerabilidade.

Além disso, a população LGBTQIA+ enfrenta camadas adicionais de vulnerabilidade, com obstáculos ao acesso aos serviços de saúde e maior exposição a contextos de exclusão social. Ribeiro (2025) ressalta que a marginalização dessa população, em especial dos jovens, limita o acesso a políticas públicas de prevenção e tratamento, contribuindo para o aumento da prevalência de ISTs nesse grupo. Os estigmas sociais e a discriminação tornam mais difícil o diálogo aberto sobre sexualidade e práticas de risco, o que repercute diretamente na adesão a medidas preventivas.

Portanto, compreender os fatores socioculturais e comportamentais que envolvem os jovens é essencial para o enfrentamento eficaz das ISTs. A construção de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde sexual deve considerar a realidade específica de cada grupo social, incluindo a valorização da educação sexual nas escolas, a criação de espaços seguros para o acolhimento e a promoção do acesso à informação. Como concluem Fagundes et al. (2024), é preciso romper com a lógica excludente e promover uma abordagem que respeite as singularidades juvenis, possibilitando escolhas conscientes e acesso equitativo aos serviços de saúde.

2.3 Impactos da Saúde Mental e da COVID-19 nas ISTs

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios significativos para a gestão da saúde pública em diversas áreas, incluindo as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). De acordo com Parente et al. (2021), a crise sanitária impactou diretamente o acesso aos serviços de saúde, resultando em atrasos significativos nos diagnósticos e no tratamento de ISTs, além de ter exacerbado as vulnerabilidades já existentes, especialmente entre populações de risco, como jovens em risco de infecção pelo HIV. A falta de acesso regular aos serviços de saúde devido ao fechamento de unidades e o temor de se expor ao vírus SARS-CoV-2 contribuíram para uma maior subnotificação e o agravamento da situação epidemiológica das ISTs.

Além disso, a interrupção nos serviços de testagem e a escassez de recursos para tratamentos preventivos e de profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) resultaram em uma queda nas estratégias de prevenção eficazes. As medidas de distanciamento social e o isolamento, embora necessárias para controlar a propagação do vírus, também desencadearam um aumento no estresse, na ansiedade e em outros problemas de saúde mental, que contribuíram para a maior vulnerabilidade ao risco de infecção sexual (Parente et al., 2021). Esses fatores psicológicos, somados à restrição de acesso a serviços de saúde, criaram um cenário desfavorável para a adesão a métodos de prevenção e tratamento das ISTs.

O impacto psicológico da pandemia também se refletiu em uma mudança nos comportamentos de risco. Estudos revelaram que, durante o período de pandemia, houve um aumento nos casos de violência doméstica e nas situações de abuso de substâncias, fatores que podem contribuir para comportamentos sexuais de risco, como o sexo sem proteção, principalmente entre as populações mais vulneráveis. Segundo Nascimento & Rezende (2024), a interseção de questões de saúde mental, violência e vulnerabilidade social gerou um círculo vicioso, no qual a falta de acesso a cuidados adequados, aliada ao aumento do sofrimento psíquico, levou a uma maior exposição às ISTs.

A redução na capacidade de resposta do sistema de saúde para atender às necessidades de pessoas vivendo com HIV e outras ISTs durante a pandemia foi um desafio crítico. A escassez de profissionais de saúde devido ao impacto da COVID-

19 nos serviços e a priorização de cuidados para pacientes infectados pelo novo coronavírus resultaram em um adiamento ou cancelamento de tratamentos essenciais. Conforme Miranda et al. (2021), esse fator agravou ainda mais a situação de pacientes com múltiplas comorbidades, como o HIV, que necessitam de cuidados contínuos.

O agravamento das condições de saúde mental durante a pandemia também teve um efeito direto na adesão ao tratamento das ISTs. A pressão psicológica associada ao medo do contágio, a perda de emprego e a instabilidade financeira reduziram a motivação de indivíduos vulneráveis a manterem seus tratamentos regulares. Veras et al. (2024) enfatizam que o impacto da saúde mental na adesão ao tratamento é um problema multifacetado que exige uma abordagem holística, considerando tanto os aspectos físicos quanto os psicológicos.

Em um cenário pós-pandemia, a recuperação dos danos causados à saúde mental será fundamental para retomar o controle sobre as ISTs. Programas de saúde mental, aliados à expansão do acesso a tratamentos preventivos e de profilaxia, são necessários para restaurar a confiança da população nos serviços de saúde e assegurar que a crise de saúde mental não agrave ainda mais a incidência de doenças sexualmente transmissíveis. A integração de cuidados de saúde mental e física deve ser priorizada nas estratégias de combate às ISTs (Veras et al., 2024)

2.4 Resistência Antimicrobiana nas Infecções Uretrais

A resistência antimicrobiana (RAM) tem se mostrado um dos maiores desafios para o tratamento eficaz das infecções uretrais, especialmente em contextos hospitalares. Araújo et al. (2021) destacam que o uso inadequado de antimicrobianos tem promovido o surgimento de cepas resistentes de patógenos, o que dificulta a gestão das infecções do trato urinário (ITU), uma das causas mais comuns de corrimento uretral. A resistência bacteriana tem gerado uma crescente preocupação, já que infecções simples podem se tornar difíceis de tratar, levando a complicações mais graves.

A prática de prescrição indiscriminada de antibióticos, muitas vezes sem a devida análise microbiológica, contribui significativamente para o aumento da resistência. Carvalho et al. (2023) aponta que, apesar dos avanços na medicina, a falta de adesão a protocolos de tratamento e a automedicação são fatores que perpetuam esse ciclo vicioso de resistência. A utilização de antimicrobianos de largo espectro sem uma indicação precisa contribui para a seleção de cepas bacterianas mais resistentes, tornando o tratamento das infecções uretrais menos eficaz.

Além disso, a falta de uma política efetiva de vigilância da resistência antimicrobiana também contribui para o aumento desse problema. Lopes et al. (2024) argumentam que a implementação de protocolos rígidos para o uso de antimicrobianos é essencial para garantir a eficácia dos tratamentos e prevenir o agravamento da resistência. A resistência antimicrobiana não é apenas uma questão médica, mas também um problema de saúde pública que exige uma abordagem multidisciplinar e interinstitucional.

O tratamento de infecções de trato urinário requer uma abordagem estratégica, considerando a identificação adequada do agente patogênico e a escolha do antibiótico correto. Segundo Silva et al. (2021), a coleta de amostras adequadas para a cultura bacteriana e a realização de testes de sensibilidade são passos fundamentais para garantir que o antimicrobiano prescrito seja eficaz. O diagnóstico preciso não apenas contribui para a cura da infecção, mas também ajuda a evitar o uso desnecessário de medicamentos que possam induzir à resistência.

O impacto da resistência antimicrobiana vai além das infecções urinárias simples, podendo resultar em complicações graves, como septicemia, que exigem tratamentos mais complexos e prolongados. A resistência a antibióticos torna-se um problema ainda mais sério em pacientes imunocomprometidos, como aqueles que vivem com HIV, já que a infecção simultânea pode agravar o quadro clínico. Carvalho et al. (2023) alerta para a necessidade de uma abordagem global no combate à RAM, que envolva desde a educação dos profissionais de saúde até a implementação de políticas públicas de controle.

A educação sobre o uso racional de antibióticos é fundamental para reduzir a resistência antimicrobiana. Lopes et al. (2024) sugerem que campanhas de conscientização entre médicos, pacientes e a população em geral podem ajudar a prevenir o uso inadequado de antibióticos. A conscientização sobre os riscos do uso indiscriminado pode ser uma ferramenta importante para evitar que a resistência se propague ainda mais.

2.5 Importância da Prevenção e Acesso aos Serviços de IST

A prevenção de ISTs é um pilar fundamental para a saúde pública, especialmente quando combinada com o acesso a serviços de saúde de qualidade. Rosenau et al. (2024) enfatizam que a profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) e a testagem rápida são ferramentas essenciais para o controle das ISTs, uma vez que permitem a detecção precoce e o tratamento imediato das infecções, além de prevenir a transmissão. A ampliação do acesso a essas estratégias é crucial para reduzir a incidência de ISTs e melhorar os resultados de saúde da população.

O acesso a serviços especializados, como unidades de saúde voltadas para ISTs, é essencial para garantir que as pessoas vulneráveis possam ter acompanhamento contínuo e tratamento adequado. Santos et al. (2023) destaca que o acolhimento humanizado, juntamente com uma abordagem integral nos ambulatórios, tem mostrado resultados positivos na adesão ao tratamento e na redução de novos casos de infecção. A abordagem de saúde integral não se limita ao tratamento físico das ISTs, mas também considera os aspectos emocionais e psicológicos dos pacientes.

A educação em saúde também desempenha um papel crucial na prevenção das ISTs. A informação clara e acessível sobre práticas seguras, como o uso de preservativos e a importância de testes regulares, pode reduzir significativamente o risco de infecção. Rosenau et al. (2024) argumentam que a educação em saúde deve ser adaptada às necessidades da população, levando em consideração as diferentes realidades sociais e culturais. O investimento em programas educativos, especialmente em escolas e comunidades de risco, é uma estratégia eficaz para a redução da transmissão de ISTs.

A profilaxia pós-exposição ao HIV (PEP) é outra ferramenta importante na prevenção das ISTs, especialmente após exposição a comportamentos de risco. A disponibilização rápida de PEP pode ser um diferencial para evitar a infecção, quando administrada dentro das primeiras 72 horas após a exposição. Segundo Paes e Serqueira (2025), os serviços de saúde devem garantir que a PEP esteja disponível e acessível, além de fornecer orientações claras sobre como utilizá-la adequadamente.

Além disso, o fortalecimento dos serviços de saúde é essencial para garantir a continuidade do tratamento e a prevenção das ISTs, especialmente em tempos de crise, como a pandemia da COVID-19. A implementação de tecnologias, como sistemas de agendamento remoto e telemedicina, pode ampliar o acesso a serviços e facilitar a continuidade do acompanhamento. A combinação de tecnologias com ações presenciais pode garantir que os serviços de saúde permaneçam eficazes, mesmo diante de desafios como a falta de profissionais ou a superlotação (Paes & Serqueira, 2025).

A participação ativa das populações vulneráveis no processo de prevenção e tratamento é outro aspecto importante. Santos et al. (2023) apontam que a inclusão de grupos como a população LGBTQIA+, que frequentemente enfrenta barreiras no acesso aos serviços de saúde, é fundamental para garantir que todos tenham a mesma oportunidade de prevenção e cuidado. A sensibilidade cultural e o respeito às necessidades específicas desses grupos podem aumentar significativamente a adesão ao tratamento.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica (Snyder, 2019), de natureza quantitativa em relação à quantidade de artigos selecionados e, qualitativa em relação à análise dos artigos selecionados (Gil, 2022; Pereira et al., 2018), e o tipo de

revisão foi integrativa (Anima, 2014; Crossetti, 2012) e, que reuniu e analisou publicações científicas relacionadas à ocorrência de IST em homens com idade entre 18 e 30 anos.

A seleção dos estudos foi realizada nas bases de dados científicas SciELO, PubMed, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores combinados com operadores booleanos: “Infecções Sexualmente Transmissíveis”, “homens”, “perfil de saúde” e “comportamento sexual”. Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025, em português, inglês e espanhol, que apresentaram dados e discussões relevantes sobre o tema. Foram excluídos trabalhos duplicados, resumos, editoriais, cartas ao leitor e estudos que não abordassem especificamente a população-alvo.

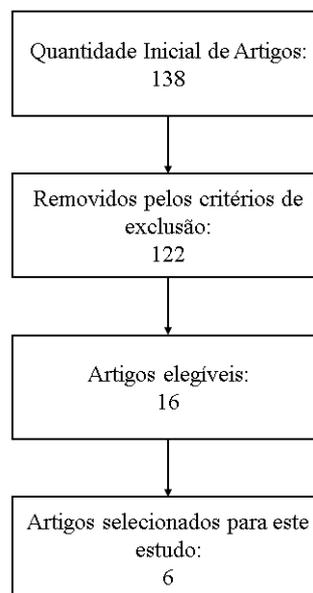
Após a seleção dos estudos, foi realizada a leitura exploratória e seletiva, seguida de análise de conteúdo, buscando identificar padrões, recorrências e lacunas nas evidências existentes. As informações obtidas foram organizadas em categorias temáticas, com o intuito de proporcionar uma visão abrangente sobre a ocorrência e manejo das ISTs entre homens jovens.

Por não envolver coleta de dados primários com seres humanos, esta pesquisa foi isenta de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

4. Resultados e Discussão

Durante a pesquisa inicial, foram encontradas 138 obras nas bases de dados, depois de aplicados os filtros de inclusão e exclusão, apenas 16 obras foram elegíveis para a amostra e lidas de forma integral (Figura 1). Depois de lidas, foram excluídas 10 obras que não tinham relevância com a temática desse estudo, e as seis obras restantes foram delineadas no Quadro 1.

Figura 1 – Fluxograma de Busca de Dados.



Fonte: Autores (2025).

Quadro 1 – Características Epidemiológicas dos Indivíduos envolvidos nos estudos encontrados.

ESTUDO	LOCAL	FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO	PREVALÊNCIA	HÁBITOS SEXUAIS
Rocha (2023)	Vitória da Conquista, Bahia, Brasil	15-24 anos	Homens que fazem sexo com homens	<i>N. gonorrhoeae</i> : 8,1% <i>Chlamydia trachomatis</i> : 8,5%	Associação com sexo em grupo, múltiplos parceiros (≥ 3 nos últimos 3 meses), orientação homossexual
Uysal et al. (2023)	Istambul, Turquia	21-30 anos	Homens em geral	<i>Chlamydia trachomatis</i> : 11,1% <i>Neisseria gonorrhoeae</i> : 4,4%	Não especificou
Louis et al. (2020)	Port-au-Prince, França	18-30 anos	Homens com sintomas urogenitais	<i>Chlamydia trachomatis</i> : 8,3%	Não especificou
Leon et al. (2016)	Lima, Peru	18-30 anos	Homens que fazem sexo com homens	<i>Chlamydia trachomatis</i> : 19% (anal), 4,8% (faringe); <i>N. gonorrhoeae</i> : 9,6% (anal), 6,5% (faringe)	Sexo anal receptivo, múltiplos parceiros
Rowley et al. (2016)	Global	15-49 anos	Homens em geral	<i>Chlamydia trachomatis</i> : 2,7%; <i>N. gonorrhoeae</i> : 0,6%	Múltiplos parceiros, baixo uso de preservativos
Gil (2015)	Astúrias, Espanha	26-30 anos	Homens em geral	<i>N. gonorrhoeae</i>	Baixo uso de preservativos (13%), múltiplos parceiros (>5), alta prevalência entre homossexuais

Fonte: Autores (2025).

No Brasil, Rocha (2023), em estudo com homens que fazem sexo com homens, na cidade de Vitória da Conquista (BA), identificou prevalência de 8,5% para *C. trachomatis* e 8,1% para *N. gonorrhoeae*. O autor associa essas infecções a práticas sexuais de risco, como sexo em grupo, múltiplos parceiros (≥ 3 nos últimos três meses) e orientação homossexual, ressaltando a vulnerabilidade desse grupo específico.

De maneira semelhante, León et al. (2016), em Lima, Peru, encontraram prevalência elevada entre homossexuais: 19% para *C. trachomatis* e 9,6% para *N. gonorrhoeae* em amostras anais, além de infecções faringeanas significativas. Tais achados foram diretamente relacionados ao sexo anal receptivo e ao elevado número de parceiros, reforçando a necessidade de estratégias de prevenção voltadas a práticas específicas.

Uysal et al. (2023), na Turquia, identificaram uma prevalência de 11,1% para *C. trachomatis* e 4,4% para *N. gonorrhoeae* em homens sintomáticos com idade entre 21 e 30 anos, embora o estudo não tenha detalhado hábitos sexuais. Louis et al. (2020), na França, relataram prevalência semelhante (8,3% para *C. trachomatis*) também sem dados comportamentais, o que limita a análise de fatores de risco comportamentais nesses contextos.

Rowley et al. (2016), indicam que globalmente a prevalência de *C. trachomatis* entre homens é de 2,7% e de *N. gonorrhoeae* de 0,6%, com fatores de risco concentrados no número elevado de parceiros e uso inconsistente de preservativos. Esses dados servem como base comparativa para regiões com taxas mais elevadas, especialmente em populações-chave como os homens homossexuais.

Gil (2015), na Espanha, observou uma elevada prevalência de gonorreia entre homens de 26 a 30 anos, correlacionada ao baixo uso de preservativos (apenas 13% relataram uso consistente) e número elevado de parceiros sexuais (mais de cinco no último ano), o que indica comportamentos de risco relevantes mesmo em regiões com maior acesso à informação e saúde sexual.

Há um padrão consistente entre diferentes países: a associação direta entre comportamentos sexuais de risco e a prevalência de infecções por *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae* em homens que fazem sexo com homens (HSH). Independentemente do contexto socioeconômico ou do nível de acesso aos serviços de saúde, o número elevado de parceiros sexuais, o sexo anal receptivo e o uso inconsistente de preservativos se destacam como fatores recorrentes. Essa constância evidencia a necessidade de estratégias de prevenção mais específicas e adaptadas às particularidades culturais e comportamentais de cada população-chave.

Como observado nas pesquisas de Uysal et al. (2023) e Louis et al. (2020), reforçam a importância de se adotar abordagens mais abrangentes nas investigações epidemiológicas, que integrem não apenas exames laboratoriais, mas também análises qualitativas e contextuais sobre os hábitos sexuais dos indivíduos.

Ao comparar os dados locais com a média global reportada por Rowley et al. (2016), percebe-se que determinadas populações apresentam prevalências significativamente superiores às taxas gerais, o que aponta para desigualdades na distribuição das ISTs e destaca grupos que devem ser priorizados em políticas públicas. Nesse sentido, os achados de Rocha (2023), Gil (2015) e León et al. (2016) apontam para a necessidade de campanhas educativas mais incisivas, testagens regulares e ampliação do acesso ao tratamento, especialmente entre os HSH jovens, como estratégia central de enfrentamento à transmissão dessas infecções.

5. Considerações Finais

Foi possível considerar que a literatura nacional e internacional evidencia que as infecções acometem com maior frequência homens com comportamentos sexuais considerados de risco, como o sexo anal receptivo, múltiplos parceiros e o uso inconsistente de preservativos. Esse perfil epidemiológico, observado tanto em estudos nacionais, quanto em investigações internacionais, reforça a necessidade de atenção contínua a esse grupo etário em contextos ambulatoriais especializados.

É importante destacar que a ausência de dados sobre hábitos sexuais em alguns estudos limita a compreensão mais ampla do perfil comportamental desses indivíduos, dificultando a proposição de intervenções eficazes. A análise crítica das evidências sugere que os jovens do sexo masculino, mesmo em contextos com acesso a serviços de saúde, continuam vulneráveis à transmissão de ISTs, o que aponta para falhas na educação sexual, na comunicação entre profissionais e usuários e na adesão às medidas preventivas. Portanto, compreender o perfil epidemiológico desse grupo exige uma abordagem multifatorial, que inclua aspectos clínicos, sociais e comportamentais.

Torna-se imprescindível a formulação de estratégias de prevenção direcionadas a jovens do sexo masculino, com foco na testagem ampliada, aconselhamento sexual qualificado e promoção do uso consistente de preservativos. Além disso, a integração entre serviços de saúde, educação e comunicação pode potencializar o impacto dessas ações, contribuindo para a redução das taxas de ISTs entre esse público. A análise aqui desenvolvida evidencia que, para além da vigilância epidemiológica, é necessário investir em políticas públicas que considerem as especificidades dessa faixa etária e seu contexto sexual e social.

Referências

- Andrade, P., Azevedo, J., Lisboa, C., Fernandes, C., Borrego, M. J., Borges-Costa, J., Reis, J., Santiago, F., Santos, A., & Alves, J. (2024). Guidelines for the Diagnosis and Treatment of Uncomplicated (Non-Lymphogranuloma Venereum) Chlamydia trachomatis Infection in Portugal. *Acta Médica Portuguesa*, 37(6), 475–482.
- Anima. (2014). *Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências*. Gruma Anima Educação.
- Araújo, D. D., Silva, E. C. da, Pereira, H. da S., Nascimento, M. V. S. do, & Santos, M. P. dos. (2021). A resistência bacteriana frente a antibióticos utilizados no tratamento da gonorreia: uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*, 10(3), 1–10.
- Braga, P. de A. T. (2025). PrEP América do Sul: entrevista com André Luiz Machado das Neves & Kris Herik de Oliveira. *Askesis*, 14(1), 179–202.

- Carvalho, S. T. A., Santos Filho, J. A. dos, Souza, S. R. de, & Moura Júnior, J. F. (2023). Mental health of rural women in Brazil: an integrative review of the literature. *Boletim de Conjuntura*, 15(45), 615–634.
- Crossetti, M. da G. O. (2012). Revisión integrativa de la investigación en enfermería, el rigor científico que se le exige. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(2), 10–11.
- Fagundes, T. D. S., Priscinotte, M. S. C. da C., Ribeiro, A. L. F., Doto, P. H. F., Fogaça, M. V. T., Muszkat, V. J., Moreira, K. M. S., Galvão, D. S. C., Veloso, P. H. de A., Rocha Neto, L. J. da, Miranda, G. S., Santana, M. A., Carvalho, M. L. G., Quintela, I. S., Souza, F. de F. M. de, Ribeiro, D. de F., Curado, A. C. G., Melo, J. I. de, André, M. E. G., & Lima, M. N. (2024). Vacina como tratamento para gonorreia e seus principais impasses. *Lumen et Virtus*, 15(39), 2674–2680.
- Gaspar, P. C., Miranda, A. E., Bigolin, A., Morais, A. A. C., Aragon, M. G., Morais, J. A. V., Alonso Neto, J. B., Lanoy, L. H. de, Sanchez, M. N., Cravo Neto, D. B., Bermudez, X. P. C. D., & Benzaken, A. S. (2024). Rede nacional de testes moleculares para detecção de *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*: experiência de implantação-piloto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 40(7), 1–20.
- Gil, A. C. (2022). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (7th ed.). Atlas.
- Gil, A. T. (2015). *Epidemiologia de la infección por Neisseria gonorrhoeae em Asturias: Caracterización de las cepas circulantes y estudio de resistencias* (p. 267) [Tese].
- Hocking, J. S., Geisler, W. M., & Kong, F. Y. S. (2023). Update on the Epidemiology, Screening, and Management of *Chlamydia trachomatis* Infection. *Infectious Disease Clinics of North America*, 37(2), 267–288.
- Lannoy, L. H. de, Silva, R. J. de C. da, Nahn Júnior, E. P., Oliveira, E. C. de, & Gaspar, P. C. (2021). Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecções que causam corrimento uretral. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 30(1).
- Leon, S. R., Segura, E. R., Konda, K. A., Flores, J. J., Silva-Santisteban, A., Galea, J. T., Coates, T. J., Klausner, J. D., & Caceres, C. F. (2016). High prevalence of *Chlamydia trachomatis* and *Neisseria gonorrhoeae* infections in anal and pharyngeal sites among a community-based sample of men who have sex with men and transgender women in Lima, Peru. *BMJ Open*, 6(1), 1–11.
- Lopes, M. D. de S., Carvalho, M. S., Silva, C. de A., Martins, T. L. S., & Silva, G. R. da C. e. (2024). Resistência do *Treponema pallidum* frente ao tratamento convencional da sífilis. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 24(1), 1–10.
- Louis, F. J., Galbaud, G., Leonard, M., Pericles, E., Journel, I., Buteau, J., Bony, J., Jean Francois, R., & Domercant, J. W. (2020). Prevalence of *Neisseria gonorrhoeae* and *Chlamydia trachomatis* in men having sex with men in Port-au-Prince, Haiti: a cross-sectional study. *BMJ Open*, 10(3), 1–6.
- Macedo, R. R. B. de, Vieira, C. S., Sousa, R. A. de S. e, Azevedo, G. M. M. de, Santiago, V. S., Queladi, S. L. Y., Pereira, J. K. T., Cunha, G. P. da, Moraes, M. R. de, Lucena, G. T. F., Rocha, M. C. P., Farias, F. M. L. de, & Cardoso, F. M. L. (2025). Atualizações no Tratamento da Infecção por *Chlamydia trachomatis* em Mulheres. *Brazilian Journal of One Health*, 2(1), 218–224.
- Medeiros, G. L. P. de, Paiva, R. M. R. A., Gomes, L. L. A., Miranda, I. S. N., & Dias, A. U. (2024). Causas e fatores de risco da doença inflamatória pélvica: análise dos principais agentes infecciosos e fatores predisponentes. *Brazilian Journal of Health Review*, 7(5), 73565.
- Miranda, A. E., Freitas, F. L. S., Passos, M. R. L. de, Lopez, M. A. A., Pereira, G. F. M., Miranda, A. E., Freitas, F. L. S., Passos, M. R. L. de, Lopez, M. A. A., & Pereira, G. F. M. (2021). Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 30(1), 1–12.
- Nascimento, Q. H. P., & Rezende, G. de O. (2024). Resistência bacteriana aos antibióticos na pandemia COVID-19. *Revista Foco*, 17(11), 1–16.
- Paes, R. G., & Serqueira, J. R. (2025). O uso da doxiciclina na prevenção e tratamento das infecções sexualmente transmissíveis por agentes bacterianos. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 25(1), 1–12.
- Parente, J. da S., Azevedo, S. L. de, Moreira, L. da F. A., Abreu, L. M., & Souza, L. V. de. (2021). O impacto do isolamento social na pandemia de COVID-19 no acesso ao tratamento e aos serviços de prevenção do HIV/AIDS. *Research, Society and Development*, 10(1), 1–8.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica* (1st ed.). UAB/NTE/UFSM.
- Pimentel, A. de S., Junior, A. D. N., Goveia, M. R., Moraes, G. M. A., Dos Santos, T. F., Rodrigues, A. C. S., & Juveniz, J. A. Q. (2022). Infecções causadas por *N. Gonorrhoeae*: perfil epidemiológico em capital da Região Centro-oeste. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, 26(1), 102190.
- Ribeiro, E. A., França, J. S., Leal, L. M., & Abreu, R. (2025). Evidências e repercussões da resistência aos medicamentos em infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 25(1), 1–12.
- Rocha, T. S. (2023). *Prevalência de Neisseria gonorrhoeae e Chlamydia trachomatis entre homens que fazem sexo com homens (HSH) de 15 a 24 anos no município de Vitória da Conquista – BA* (p. 166) [Dissertação].
- Rosenau, T., Schek, G., Mix, P. R., & Albuquerque, F. (2024). Saúde mental de mulheres no contexto rural: fatores associados à ocorrência de depressão e ansiedade. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 24(1), 1–7.
- Rowley, J., Hoorn, S. V., Korenromp, E., Low, N., Unemo, M., Abu-Raddad, L. J., Chico, R. M., Smolak, A., Newman, L., Gottlieb, S., Thwin, S. S., Broutet, N., & Taylor, M. M. (2019). *Chlamydia, gonorrhoea, trichomoniasis and syphilis: global prevalence and incidence estimates, 2016. Bulletin of the World Health Organization*, 97(8), 548–562.
- Santos, E. G., Santos, G. R., & Guimarães, T. M. M. (2023). Acesso de mulheres à consulta de enfermagem com ênfase na saúde reprodutiva: revisão integrativa. *Recima21*, 4(6), 1–15.

Silva, P. P. A., Araújo, Y. B., Leal, G. K. G., & Silva Júnior, J. da. (2021). Fatores de risco para infecções no trato urinário: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(1), 1–8.

Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104(1), 333–339.

Uysal, H. K., Koksall, M. O., Sarsar, K., Ilktac, M., Isik, Z., Karapinar, D. B. A., Demirci, M., Ongen, B., Buyukoren, A., Kadioglu, A., Yurtsever, E., & Agacfidan, A. (2023). Prevalence of Chlamydia trachomatis, Neisseria gonorrhoeae, and Mycoplasma genitalium among Patients with Urogenital Symptoms in Istanbul. *Healthcare*, 11(7), 930–930.

Veras, M. A. de S. M., Pinheiro, T. F., Galan, L., Magno, L., Leal, A. F., Knauth, D. R., Motta-Castro, A. R. C., Queiroz, R. S. B. de, Mayaud, P., McCartney, D. J., Hughes, G., Santos, C. M. dos, Bastos, L., Bassicheto, K. C., Sperandei, S., Barros, C. R. dos S., Silva, R. C. da, Bastos, F. I., & Dourado, M. I. C. (2024). Estudo TransOdara: o desafio de integrar métodos, contextos e procedimentos durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 27(1).